

A IMPORTÂNCIA DA FONÉTICA ARTICULATÓRIA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

ALDINA TATIANA SILVA PEREIRA*

MARCELA ANGELA DA CRUZ PIMENTEL*

ROSILENE DE OLIVEIRA FURTADO**

RESUMO: Este *paper* abordou a importância da fonética articulatória no processo de ensino/aprendizagem da língua inglesa. E partiu da hipótese de que este estudo efetiva a pronúncia do falante e facilita o entendimento do ouvinte. Esta pesquisa bibliográfica tornou-se pertinente, pois, enfatizou a interpretação e memorização dos sons como complementares na aquisição da língua estrangeira. Teve como objetivo apresentar a fonética articulatória como método de apoio ao ensino da língua inglesa. Detectou-se que as instituições que formam professores de línguas estrangeiras e os materiais didáticos não priorizam o ensino da pronúncia, o que acarreta interferências e transferências por parte dos estudantes, implicando no seu desempenho fonético-fonológico, morfológico, sintático e pragmático.

Palavras chaves: Fonética Articulatória. Língua Inglesa. Ensino. Aprendizagem. Pronúncia.

ABSTRACT: *This paper discussed the importance of articulatory phonetics in the teaching and learning process of the English language. And hypothesized that this study effectives the pronunciation of the speaker and facilitates the understanding of the listener. This literature search was justified, therefore, emphasized the interpretation and memorization of sounds as complementary in the acquisition of a foreign language. This work aimed to present articulatory phonetics as a method to support the English teaching. It was detected that the universities that train teachers of foreign languages and the textbooks do not prioritize the teaching of pronunciation, which causes interference and transfers by students implying in a phonetic-phonological, morphological, syntactic and pragmatic performance.*

Key Words: *Articulatory Phonetics. English Language. Teaching. Learning. Pronunciation.*

INTRODUÇÃO

Existem vários tipos de comunicação, dentre elas cita-se a verbal e a não verbal. A comunicação verbal é uma atividade social, e para que haja o entendimento entre os falantes é necessária a emissão de sons característicos da fala humana e específicos de um determinado grupo. O movimento vibratório produzido pelas cordas vocais chama-se de voz. A voz é uma

*Licenciada Plena no curso de Letras com Habilitação em Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Amapá/UEAP e acadêmica do curso de pós-graduação em Língua Inglesa pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá/IESAP. E-mail: ft.tatiana@hotmail.com.

**Bacharelada no curso de Letras Tradutor Português/Inglês pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá/IESAP e acadêmica do curso de pós-graduação em Língua Inglesa pelo IESAP. E-mail: angel.shine@bol.com.br.

***Especialista em Língua Inglesa pelo IESAP e Mestra em Direito Ambiental e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Amapá/UNIFAP. E-mail: rofaifo@hotmail.com.

variante linguística a qual se efetiva através da emissão de um determinado som, este por sua vez é uma atividade complexa que tem sua explicação através da física, conforme conceitua Malmberg (1998, p.15) que “o som consiste em *ondas* que se propagam no ar a uma velocidade de cerca de 340 m/s (noutras matérias – líquidos, gases ou corpos sólidos – com uma velocidade e uma facilidade que depende do grau de elasticidade das mesmas).”

Silva (2003, p. 23) afirma que “a fonética é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana”. A apresentação e orientação do aparelho fonador e dos lugares de articulações podem ser utilizadas em prol da vida escolar de um aprendiz, e será de grande auxílio para facilitar a assimilação, memorização da produção sonora das palavras, conseqüentemente poderá estimular o interesse pelo que esta sendo estudado. Além disso, ensinar a língua inglesa requer habilidades, pois, o aprendiz nativo da língua portuguesa que teve pouco ou nenhum contato antes com a segunda língua, traz consigo os traços fonológicos da língua materna, dificultando a repetição correta dos sons das palavras estrangeiras.

Desta forma, estimular o interesse em sala de aula é tarefa fundamental para o docente que deseja desenvolver um trabalho produtivo e de qualidade, o que não é uma tarefa fácil, especificamente quando se trata do ensino de uma língua estrangeira. Por isso, este *paper* abordará sobre a fonética articulatória e sua relevância no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa, visto que o desinteresse do aprendiz quando não há entendimento ou há a dificuldade de reproduzir os sons próprios da língua inglesa, desestimula e desencadeia um sentimento de impotência diante do que esta sendo proposto, frustrando o aprendizado da língua em questão. Lima (2010, p.55) afirma que “podemos lançar mão de alguns recursos para desenvolver a motivação e a percepção fonética e fonológica dos alunos, por exemplo, integrando a fonologia ao cotidiano da sala de aula”, tarefa que é possível quando utilizado recursos como: músicas, diálogos, entrevistas, teatro, entre outras dinâmicas e jogos que incentivam a integração e a participação oral do aluno.

2. A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO ATUAL

Desde os tempos mais remotos, o ser humano sentiu a necessidade de se comunicar, seja de forma verbal ou não verbal. A comunicação implica fundamentalmente na utilização de uma linguagem, um sistema ou um conjunto de símbolos, utilizado por meio de uma língua ou dialeto de forma falada ou escrita.

Para Andrade e Medeiros (2000, p. 20), a linguagem é o meio pelo qual a expressão de sentimentos, ideias, desejos e pensamentos se concretizam. Já se disse que toda comunicação se faz por intermédio de uma linguagem, verbal ou não verbal.

A linguagem é um fenômeno inerente do homem, no entanto o indivíduo não nasce com este elemento linguístico pronto e acabado. Essa aquisição requer uma longa aprendizagem no decorrer do tempo e conforme o convívio e contato com o grupo ou comunidade a qual está inserido. A este falante cabe a responsabilidade de compreender, interpretar, executar e principalmente enriquecer a sua linguagem, possibilitando assim o convívio em sociedade.

Hoje se vive em um mundo globalizado, onde tudo acontece de forma muito dinâmica, e embora esteja disponível os mais avançados programas informatizados, nunca se descarta o uso da linguagem verbal, mesmo a quilômetros de distância, pode-se interagir verbalmente. Essa necessidade de comunicação e interação no cenário globalizado enfatiza a importância de aprender uma língua estrangeira, e principalmente à língua universal, o inglês.

A língua Inglesa tem mais de 370 milhões de falantes em várias partes do mundo, é a língua mais ensinada no mundo, por se tratar de uma língua universal. Atualmente, há mais falantes não nativos do que nativos da língua inglesa, sendo falada por mais de um bilhão de pessoas, sem restrições de fronteiras geográficas (Leffa, 2002).

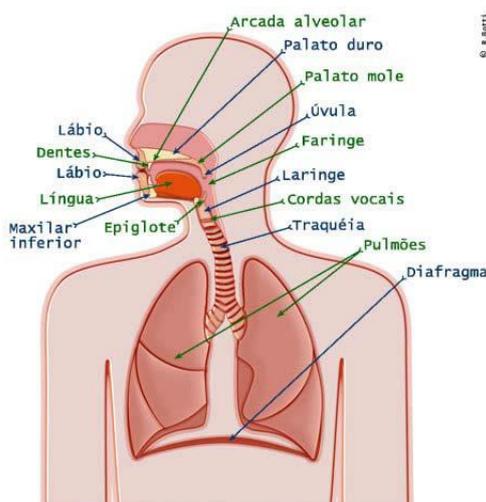
Não se pode esquecer de mencionar a presença dessa ferramenta linguística nas organizações internacionais e na maioria das publicações científicas. Por esse motivo, falar inglês hoje é sinônimo de estar conectado a um mundo globalizado, oportunizando e permitindo ao falante os mais diversos acessos, e principalmente qualificando-o para ser um diferencial, agregando ao seu conhecimento pessoal requisitos importantes e decisivos.

3. UM BREVE ESTUDO DA FONÉTICA ARTICULATÓRIA

O ato de falar consiste na articulação de sons produzidos pelo aparelho fonador, o qual não se limita apenas a função de produção da fala. Para Silva (2003, p. 24), o aparelho fonador não se prende, somente, a articulação do som, mas também assume outras funções essenciais para o corpo humano como respirar, mastigar, engolir, e cheirar. Este fato ocorre porque o aparelho fonador é constituído pelos órgãos do sistema respiratório, do sistema fonatório e do sistema articulatorio.

O sistema respiratório é constituído pelos pulmões, músculos pulmonares, traqueia e dos tubos brônquios, esse sistema encontra-se na parte inferior da glote, também denominada de infraglotal, este sistema tem como função primária a produção da respiração. O sistema fonatório é composto pela laringe, onde se localizam os músculos estriados que podem obstruir a passagem da corrente de ar e são denominados de cordas vocais. A glote, também componente desse sistema, é o espaço decorrente da não obstrução dos músculos laríngeos. A função primária da laringe é funcionar como uma válvula que impede a entrada de comida nos pulmões. Por fim, têm-se o sistema articulatorio que é composto pela língua, faringe, nariz, dentes, lábios e palato, os quais se encontram na parte superior da glote. Esse sistema possui várias funções primárias, relacionando-se principalmente com o ato de comer, no entanto pode-se citar também, o ato de mastigar, morder, cheirar, sugar, sentir o paladar e engolir.

Figura 1. Órgãos e partes do corpo envolvidos no processo de produção dos sons.



Fonte: HORA, Dermeval da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

Segundo Albini e Kluge (2011), os sons da fala podem ser abordados de duas perspectivas diferentes: seus aspectos acústicos, articulatorios e auditivos, estudados à luz dentro da Fonética e seus aspectos distintivos considerados à luz da Fonologia.

A fonética se dedica ao estudo dos sons produzidos pelo aparelho fonador, no que diz respeito a sua produção fisiológica e articulatória. Callou e Leite (2003, p. 11), afirmam que a fonética estuda os sons como entidades físico-articulatórias isoladas, a fim de descrever os sons de linguagem e analisar suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptíveis.

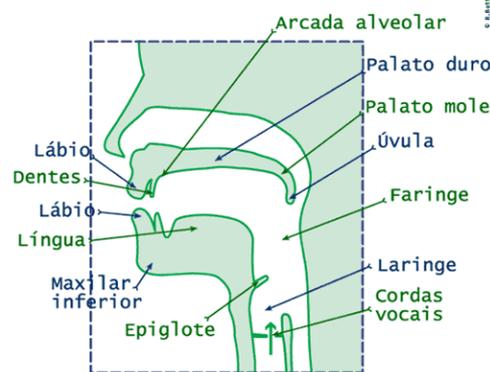
Além disso, Silva (2003, p. 23) afirma que a fonética possui quatro principais áreas de interesse, que são elas: fonética articulatória; fonética acústica; fonética instrumental e fonética auditiva. Acrescenta, ainda, que “a fonética é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana” e dentre os principais interesses da fonética está à fonética articulatória que “compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatorio”.

A fonética articulatória descreve e classifica os sons da fala a partir de como são produzidos. Os sons produzidos pelo homem são diferenciados através dos movimentos sincronizados de vários ossos e músculos da face e garganta. Dessa forma, faz-se necessário saber o funcionamento dessa movimentação sincronizada que culmina na produção dos sons das palavras.

Compreender as descrições articulatórias das palavras favorece o aprendizado da pronúncia de línguas, uma vez internalizado esse conhecimento o aprendiz passa a conhecer e saber praticar o movimento certo dos articuladores em seus modos e pontos de articulação, adquirindo assim uma consciência sonora.

Por este motivo, é importante descrever acerca do ponto ou lugar de articulação, os quais caracterizam a relação anatômica entre o articulador passivo e o articulador ativo, para a produção do som. O articulador passivo localiza-se na mandíbula superior, com exceção do véu palatino esta localizado na parte posterior do palato. Os articuladores passivos são dentes superiores, lábios superiores e céu da boca que se divide em: palato duro, alvéolos, véu palatino (ou palato mole) e úvula, conforme ilustrado na figura 2. Com relação ao articulador ativo, podemos dizer que este tem a função de se movimentar em direção ao articulador passivo, movimento que modifica a configuração do trato vocal. Os articuladores ativos são: a língua, o lábio inferior, cordas vocais e o véu palatino, os quais são mostrados figura 2.

Figura 2. Articuladores ativos e passivos.



Fonte: HORA, Dermeval da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

O português é abundante em vogais e combinações com vogais, diferente do inglês que é rico em consoantes. Nesse, sentido com relação ao modo de articulação, temos: a oclusiva ocorre após uma completa obstrução da passagem da corrente de ar, os sons saem como uma explosão: [p, b]; fricativa, quando ocorre uma obstrução parcial da corrente de ar, os sons são emitidos enquanto ainda há ar nos pulmões [θ, ð]; tepe, quando ocorre uma rápida obstrução na passagem da corrente de ar através da boca; africada quando ocorre uma obstrução completa da passagem de ar e ao liberá-lo ocorre uma fricção decorrente da passagem central da corrente de ar; lateral, quando ocorre a passagem da corrente de ar pela lateral da língua; e nasal, quando ocorre uma completa obstrução de ar na boca forçando a corrente de ar dirigir-se às cavidades nasais. Segundo Malmberg (1998, p. 73), as vogais se caracterizam acusticamente pela ausência de ruído audível e as consoantes são - ou contém - ruídos. Mas, do ponto de vista articulatorio, a primeira ocorre por uma passagem de ar livre, e a segunda, pronuncia-se com um fechamento ou uma constrição quando da passagem do ar.

Godoy (2006, p. 50) apresenta uma definição bem sintetizada de alguns movimentos fonéticos que produzem os sons da fala:

1. Bilabial – os sons são produzidos com ambos os lábios;
2. Labiodental – os sons são produzidos com os dentes superiores e inferiores;
3. Dental – os sons são produzidos com a ponta da língua entre os dentes;
4. Alveolar – os sons são produzidos com a ponta da língua tocando na parte superior dos dentes;
5. Palatal – os sons são produzidos com a língua perto do palato duro;

6. Velar – os sons são produzidos com a língua próxima ao palato mole, também chamado velum;

7. Glotal – os sons são produzidos pelo ar passando ou parando nas cordas vocais.

Com isso, ressalta-se que para aprender outro idioma, nesse caso o inglês, o falante precisa estar habilitado para articular diferentes sons próprios da segunda língua. Por isso, compreender que o ato de pronunciar as palavras requer um pequeno esforço físico, que se concentra basicamente em nosso aparelho fonador, e para que essa prática seja desenvolvida de forma consciente e diária, é preciso ter conhecimento de como funciona esta habilidade linguística.

4. A IMPORTÂNCIA DA FONÉTICA ARTICULATÓRIA NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Segundo Paiva (2010, p. 137) “a instrução é um empreendimento humano com o objetivo não só de orientar os aprendizes às situações de aprendizagem, mas também, o de criar oportunidades para que eles *aprendam como aprende*.” (AUSEBEL, 1968)

Isto torna necessário frisar que em um diálogo a pronúncia tem sua importância, mas não é um elemento que por si só determine o sucesso da mensagem a ser transmitida. A comunicação entre os falantes requer outros elementos essenciais para o entendimento da mensagem, como por exemplo, o gesto, a entonação da voz e a expressão facial. Esse conjunto permite ao falante a transmissão fiel de sua mensagem, como cita Lima (2009, p. 55), no trecho a seguir:

Seria preciso refletir até que ponto as interferências e transferências fonológicas que nossos alunos demonstram, efetivamente, constituem impedimento à comunicação. Afinal, nesse processo não está em jogo apenas a produção de sons isolados individuais, mas também tonicidade das palavras e frases, entonação, aspectos do discurso corrente, contexto, expressões não verbais, entre outros. É preciso lembrar que a produção fonológica em língua inglesa é tarefa das mais complexas.

Existem vários tipos de transferência da língua Materna para a Língua Estrangeira que podem comprometer o grau de inteligibilidade da produção oral na língua-alvo. De acordo com Zimmer, Silveira e Alves (2009), existem duas principais formas de transferência: a fonético-fonológica, que se dá em função das diferenças de sistemas de som da Língua Estrangeira que levam o aprendiz a transferir, tanto em termos de percepção quanto de

produção, os padrões de sua língua materna para a LE; e a transferência grafo-fônico-fonológica, que se dá em função da forma grafada, que induz o aprendiz a produzir a palavra a partir dos padrões de correspondência entre grafema e fonema da língua materna.

Em um ambiente comunicativo de língua estrangeira o termo “instrução explícita” é citada por Alves (2004), Zimmer e Alves (2006) e por Zimmer, Silveira e Alves (2009), como prática pedagógica que vai muito além da sistematização formal do próprio sistema linguístico, trata-se de um conjunto de procedimentos de ensino que visam a enfatizar, revisar ou chamar a atenção dos alunos para aspectos específicos da língua-alvo, uma vez que tais aspectos tendem a permanecer despercebidos pelos aprendizes. Desta forma pode-se inferir que associar a fonética articulatória na prática de sala de aula, auxilia na percepção do aluno em relação às diferenças da língua materna para a língua estrangeira, tanto da pronúncia como da ortografia.

A transferência fonético-fonológica é abordada por autores como Best, McRoberts, Gerald, Goodell (2001), Flege e MacKay (2004), Best e Tyler (2007), devido ao fato de não termos exatamente os mesmos fonemas nos inventários do português brasileiro e no inglês americano, muitas vezes enfrentamos dificuldades para pronunciar alguns dos sons da Língua Estrangeira, uma vez que os aprendizes tendem a processar os sons da segunda língua como se fossem os mesmos encontrados no inventário fonético-fonológico da primeira. Para ilustrar essa dificuldade no que concerne ao nível segmental, vale lembrar que as fricativas dentais /θ/ e /ð/ não ocorrem no inventário fonológico do português-brasileiro, o que torna a aquisição de tais fonemas bastante difícil para o falante brasileiro do português.

Por sua vez, conforme explicam Zimmer, Silveira e Alves (2009), a transferência dos padrões grafo-fônico-fonológicos da Língua Materna para a Língua Estrangeira se dá não apenas em situações de leitura em voz alta, uma vez que pode ocorrer, também, uma automatização das formas de acordo com o padrão estabelecido a partir da representação ortográfica. Tal transferência, segundo Akamatsu (2002) se mostra como bastante importante no caso da aquisição do inglês por brasileiros, uma vez que, ao passo que os padrões grafo-fônico-fonológicos do português-brasileiro são transparentes, no inglês tal relação deve ser considerada como bastante opaca.

Segundo Schumacher (2002, p. 21) “você precisa ter em mente que a fala está diretamente relacionada com a audição – ou seja, de um lado, você fala o que ouve; de outro, você ouve o que fala.”. Logo, a pronúncia correta ou próxima da mesma, estabelece o

entendimento no que diz respeito à língua inglesa, o que implica diretamente na compreensão do enunciado.

No que se refere ao ensino de pronúncia nas salas de aula de Língua Estrangeira, especialmente, das redes de ensino regular públicas sempre constituiu uma questão controversa, sendo, muitas vezes é erradicado da prática dos professores de língua, fato que também ocorre em muitos livros didáticos, disponíveis no mercado, que não têm dado o destaque que essa questão merece.

Este aspecto foi observado por Moreira (2001), quando afirmam que o ensino de pronúncia nas escolas públicas brasileiras tem sido bastante negligenciado. De acordo com Koerich (2002) a maioria dos professores de inglês não recebeu treinamento suficiente em Fonética e Fonologia nas últimas décadas, quando comparados a quantidade de exercícios e o tempo dedicado à prática de gramática, por exemplo. Esta situação é muito intrigante, já que instrução em pronúncia é bastante eficiente e necessária principalmente nos níveis iniciais de aprendizagem da segunda língua (BAPTISTA, 2000).

Segundo Watkins, Brawerman-Albini e Bertochi (2010), muitos alunos e professores de inglês comentam que a pronúncia é constantemente deixada de lado, sem treinamento específico, o que torna, erroneamente, comum a pronúncia incorreta dos alunos por falta de correção e despreparo dos professores. Bauer e Alves (2012), afirmam que “a instrução e a prática de pronúncia de forma mais eficiente certamente beneficiaria muitos brasileiros, tornando-os mais facilmente compreendidos em um mundo que cada vez mais utiliza a língua inglesa para a comunicação oral”.

Moreira (2001) investigou como os professores de inglês ensinam pronúncia nas escolas públicas na região metropolitana de Florianópolis e os resultados indicaram que a maioria dos professores de inglês, sobretudo os não-nativos, não se sente confiante ou apta suficiente para ensinar a pronúncia. Revelou, ainda, que os pesquisados não receberam instrução em fonética e/ou fonologia do inglês durante a sua formação na graduação e apesar de considerarem a pronúncia importante, não a apontam como prioritária ou principal no ensino da língua inglesa. Esse descaso com o ensino da Língua Estrangeira no Brasil persiste ao longo da história, cita-se Paiva (2003), sobre a LDB:

Apesar de todos os setores da sociedade reconhecerem a importância do ensino de língua estrangeira, as políticas educacionais nunca lhe asseguram uma inserção de qualidade em nossas escolas. Em busca dessa qualidade, as classes privilegiadas sempre procuraram garantir a aprendizagem de línguas nas escolas de

idiomas ou através de professores particulares, mas os menos privilegiados continuam à margem desse conhecimento.

Este fato reflete que a obrigatoriedade do estudo de uma língua estrangeira no currículo escolar não representa o êxito do planejamento dessa disciplina, a carga horária disponibilizada para a aprendizagem é deficiente, prejudicando o ensino das competências necessárias para este aprendiz. No mundo globalizado a comunicação não se resume apenas em troca de informações voltadas a competência da língua materna, mas a todas as habilidades inerentes de um falante capaz de se comunicar em várias línguas, presumido que a morfologia, semântica e a pragmática são de extrema importância na comunicação e que por sua vez a fonética e a fonologia são ferramentas determinantes na comunicação oral com implicações profundas na escrita, tais como foi apontado por Paiva (2003) a diferença na qualidade do ensino de línguas estrangeiras nas escolas privadas e públicas.

CONCLUSÃO

A fonética é, portanto, a ciência dos sons humanos da fala; ela estuda as características definidoras de *todo* ruído vocal humano e concentra sua atenção nos ruídos que ocorrem nas línguas do mundo. Ensina as pessoas reconhecerem os diferentes sons que ocorrem na forma falada de qualquer língua e, ainda mais, a produzi-los por si mesmas. Ensina, também, a descrever os muitos modos pelos quais a língua, os lábios e outros órgãos vocais funcionam para a produção destes sons, a que denomina-se fonética articulatória, e apesar da sua importância para a distinção de sons existentes na língua materna para os sons da língua estrangeira, percebeu-se que tanto na formação dos professores, quanto nos materiais didáticos disponíveis à pronúncia não é priorizada no processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira, o que compromete o desempenho do aluno ao estabelecer a comunicação oral e a escrita.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de; MEDEIROS, João Bosco. **Comunicação em língua portuguesa**: para os cursos de jornalismo, propaganda e letras. 2ªed. São Paulo: Atlas, 2001.
ALBINI, Andressa B. & KLUGE, Denise. **Professores de inglês da rede pública paranaense e o ensino da pronúncia**. Disponível em <www.dacex.ct.utfpr.edu.br> Acesso em 09 de fevereiro de 2014.

AUSEBEL; D.P. Educational psychology: a cognitive view. New York: Holt, Rinehart & Wiston, 1968.

AKAMATSU, N. **A similarity in word-recognition procedures among second language readers with different first language backgrounds.** Applied Psycholinguistics, v. 23, p. 117-133, 2002.

BAPTISTA, B. O. **A pesquisa na interfonologia e o ensino da pronúncia: Procurando a interface.** In: FORTKAMP, M. B. M.; TOMITCH, L. M. B. (Eds.). Aspectos da Lingüística Aplicada: estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000.

BAUER, Daniela de Almeida e ALVES, Ubiratã Kickhöfel. **O ensino comunicativo de pronúncia nas aulas de inglês (L2) para aprendizes brasileiros: análise de um livro didático. Disponível em <>. Acesso em 09 de fevereiro de 2014.**

BEST, C. T.; MCROBERTS, G.; GERALD, W.; GOODELL, E. **Discrimination of non-native consonant contrasts varying in perceptual assimilation to the listener's native phonological system.** Journal of the Acoustical Society of America, v. 109, p. 775-994, 2001.

_____, C. T.; TYLER M. D. **Nonnative and second-language speech perception: commonalities and complementarities.** In: BOHN, O.-S.; MUNRO, M. J. (Org.). Language Experience In Second Language Speech Learning: in honor of James Emil Flege. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 13-34.

CALLOU, Dinah e LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

HORA, Dermeval da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 69-89.

FLEGE, J. E. **Second-language speech learning: theory, findings, and problems.** In: STRANGE, W. (Org.). Speech Perception And Linguistic Experience: theoretical and methodological issues. Timonium, MD: York Press, 1995. p. 233-277.

GODOY, S.; GONTOW, C.; MARCELINO, M. **English pronunciation for Brazilians: the soundsof American English.** São Paulo: Disal Editora, 2006, p.287.

KOERICH, R. D. **Ensinar Pronúncia?** In: COSTA, M. J. D. et al. (orgs.). Línguas: ensino e ações. Florianópolis: UFSC/NUSPPLE, 2002.

LEFFA, V. J. **Teaching English as a multinational language.** The Linguistic Association Of Korea Journal. v. 10, n. 1. Seul, Coreia: 2002. p. 29-53.

LIMA, Diógenes Candido de. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola editorial, 2009.

MALMBERG, Bertil. **A fonética: no mundo dos sons da linguagem.** Tradução de Oliveira Figueiredo. “Livros do Brasil”. Lisboa: Coleção Vida e Cultura, 1998.

MOREIRA, M. A. R. **The use of the mother tongue in the foreign language classroom of the Great Florianópolis (SC) region: A study of state school teachers' perceptions.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências.** 4ªed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

_____. **A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professores de língua inglesa.** Brasília: UnB, 2003. p.53-84

SHUMACHER, Cristina; WHITE, Philip; ZANETTINI, Marta. **Guia de pronúncia do inglês para brasileiros.** 14ªed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 7ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

WATKINS, M. A.; BRAWERMAN-ALBINI, A.; BERTOCHI, M.. **Suffering from Stress: Two English Stress Patterns that Give Brazilians a Hard Time.** In: RAUBER, A. S. et al. (orgs.). *The Acquisition Of Second Language Speech: studies in honor of professor Barbara O. Baptista.* Florianópolis: Insular, 2010.

ZIMMER, M.C. **A transferência do conhecimento fonético-fonológico do português brasileiro (L1) para o inglês (L2) na recodificação leitora: uma abordagem conexionista.** 2004. 187f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

_____; ALVES, U. K. A produção dos aspectos fonéticos/fonológicos da L2: instrução explícita e conexionismo. *Linguagem & Ensino*, v. 9, n. 2, p. 145-175, 2006.

_____, M. C.; SILVEIRA, R.; ALVES, U. K. **Pronunciation instruction for Brazilians: bringing theory and practice together.** Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2009.